



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na  
cerimônia de inauguração de instalações da Fundação Oswaldo Cruz  
(Fiocruz) em Maputo**

**Maputo-Moçambique, 17 de outubro de 2008**

Meu querido Ivo Garrido, ministro da Saúde de Moçambique,  
Companheiros ministros brasileiros,

(inaudível)

Miguel Jorge Santos Martins,

Meu companheiro Paulo Buss, presidente da Fiocruz,

Paulo Tigre, vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria,

Salimo Abdula, presidente do Conselho das Confederações e  
Associações Econômicas de Moçambique,

Raul Calane, diretor do Centro de Estudos Brasileiros de Moçambique,

Nossos queridos companheiros de (inaudível),

Meus amigos e minhas amigas,

Vocês estão vendo a grossura do discurso, tem mais palavras do que  
remédio aqui. Vou deixar o discurso de lado. Apenas se me equivocar, eu  
consultarei.

Não vou falar de números porque os meus ministros já falaram. Não vou  
falar de doenças porque os dois ministros já falaram. Eu queria, sobretudo, que  
os companheiros brasileiros, e sobretudo os companheiros da imprensa  
brasileira, compreendessem a magnitude de um gesto destes.

O Brasil tem obrigação política, moral e ética de fazer o que está  
fazendo pelo continente africano. Certamente, somos os maiores devedores ao  
continente africano, mas, certamente, somos o país mais agradecido pelo fato  
de sermos do jeito que somos, de sermos negros, índios, europeus. A



miscigenação do povo brasileiro, essa mistura extraordinária, permitiu que surgisse o paulista, o carioca, o baiano, o gaúcho. Permitiu que pudéssemos ser o que somos: alegres, quando muitos gostaríamos que fôssemos tristes, irreverentes, e, por que não dizer, provocadores das boas causas e das causas nobres pelas lutas de liberdade mundo afora.

O que um país do tamanho do Brasil, com o potencial do Brasil, pode fazer para ajudar os seus irmãos que não tiveram as mesmas oportunidades que o Brasil teve? Fazer o que estamos fazendo hoje. Entregar um caminhão chamado Cozinha Moçambique, que deu certo no Brasil, para ajudar as mães brasileiras, mães pobres, a produzirem comida com a quantidade de nutrientes, com as calorias e proteínas necessárias para que as crianças nasçam e cresçam fortes. Fazer o que estamos fazendo aqui: uma boa provocação. Por isso, quando o companheiro Temporão estava falando, eu fiz questão de dizer: assumo o compromisso de que vamos inaugurar esse negócio ainda no meu mandato. E por quê? Porque também nós aprendemos que muitas vezes a gente decide as coisas e elas não acontecem. E é no mundo inteiro, não é em Moçambique, não é no Brasil, porque tem todo um receituário que todo mundo tem que cumprir e, às vezes, as coisas não andam.

A gente tem que determinar metas para que todo mundo saiba que nós temos um objetivo a cumprir, em prazo determinado, para que a gente possa dar ao povo africano e ao povo de Moçambique a oportunidade de não morrerem precocemente por causa da Aids e por causa de outras doenças.

Este é um desafio que não pagará nunca a dívida que nós temos com o continente africano, mas é um desafio que nos torna mais nobres como seres humanos e como país, é um desafio que nos coloca com a consciência tranqüila de que estamos fazendo o papel que está reservado ao Brasil fazer com o continente africano.

Durante muito tempo – e já faz muito tempo – aprendi que na vida a gente não pode ficar reclamando do que não tem. A gente precisa lutar, fazer o



que é possível fazer. Muitas vezes, nós ficamos criticando: por que o mundo europeu, rico, não faz mais pelo mundo pobre, ou por que os americanos não fazem mais. Talvez isso seja uma desculpa para a gente não fazer aquilo que temos que fazer. Eles que façam o que quiserem. Eu quero saber é o que o Brasil pode fazer, e o Brasil está demonstrando que pode fazer.

Fazer a Embrapa na cidade de Acra, em Gana, é o começo de uma revolução pacífica que terá como resultado a germinação de grãos, de comida, de produtos que podem fazer, na savana africana, a mesma revolução que foi feita no Centro-Oeste brasileiro pela nossa querida empresa de pesquisa e tecnologia, a Embrapa. Estou convencido de que viverei – você acredita, Paulo Buss – pelo menos mais uns 30 anos, jovem do jeito que sou. Acredito que ainda estarei vivo para ver essa revolução na agricultura africana.

O Brasil tem tecnologia, conhecimento, experiência, e resultados. Não temos o direito de guardar isso para nós. Temos o direito de ajudar aqueles que durante 300 anos serviram de mão-de-obra gratuita ao Brasil, menos por culpa do Brasil, mais por culpa da Coroa. Não de uma senhora, da Coroa portuguesa.

A produção que a Fiocruz vai fazer aqui é outra revolução. Falo isso com orgulho porque certamente, no meu mandato, nós fizemos muita coisa na Fiocruz. Ainda temos muito por fazer, porque como a Fiocruz é um centro de excelência, é um centro produtor de cientistas, de conhecimento, de inteligência, quanto mais dinheiro a gente põe, mais inteligência aparece e mais coisas eles querem fazer. Então, é uma coisa que não acaba nunca. Deus queira que seja assim, que para cada centavo que a gente coloque na Fiocruz apareça um cientista pedindo mais centavos, para que a gente produza mais cientistas e para que a gente utilize mais centavos. Aí o Brasil se transformará num país efetivamente independente na produção de medicamentos para o setor.

Esses dias, o Temporão me liga e diz para mim: “Presidente Lula, uma



boa notícia que eu queria dar para o senhor: nós estamos produzindo agora, na Fiocruz, o Efaviren”. Esse remédio é muito caro, a gente importava, e agora a gente vai produzir no Brasil, por cientistas brasileiros. Isso é apenas a demonstração de que nós não temos limite, de que o mundo do conhecimento está fazendo com que o Brasil ocupe o seu espaço na história que o século XXI contará ao século XXII.

Eu estou convencido, meu caro Temporão, meu querido Paulo Buss, que essa decisão de vocês, de virem aqui e cumprirem aquilo que nós começamos a trabalhar em 2003, é a demonstração de que o Brasil sabe dar valor àqueles que são iguais, àqueles que mais precisam e àqueles que, muitas vezes, dependem de um gesto.

Ontem, quando fui lá no Memorial dos Heróis de Moçambique, me deparei com aquelas crianças da escola com a camisa do Segundo Tempo, que é um programa que no Brasil atende mais de 1 milhão e 200 mil crianças. O ministro Orlando me comunicou que a fábrica de bolas já está em alto-mar, chegando aqui em Moçambique, para que a gente possa produzir bolas. Espero não prepará-los tão bem, para não ganharem da gente em 2014, na Copa do Mundo.

Quando a gente vê o Paulo Tigre e o Abdula assinarem um acordo... De ontem para hoje produziram um acordo. A relação política é uma coisa mais complicada do que apenas a formalidade. A política é uma coisa química, é como se fosse o aroma de um perfume. As pessoas precisam se conhecer, se olhar nos olhos, pegarem na mão, se cumprimentarem, porque isso vai espalhando uma coisa mais forte do que um fax, do que um e-mail, do que um telefonema, porque tudo isso é sem sentimento.

Falando de São Paulo para Moçambique, por telefone, sem ver a cara da pessoa, é fácil dizer não. Ou mandar um e-mail, manda para cá, manda para lá, você não está vendo os olhos da pessoa, a cara da pessoa, o jeito da pessoa, então é uma coisa que é um compromisso, mas um “meio



compromisso”. Ontem, o Paulo Tigre e o Abdula, lá naquela mesa, nós começamos a cobrar, falar, falar, hoje já fizeram um acordo. E as coisas vão acontecendo assim.

Com a nossa doutora aqui, fixa, eu falei para o Paulo Buss: agora eu tenho a convicção de que vai sair, porque é preciso ter gente aqui. Esse povo não tem nenhuma diferença do povo pobre da periferia do Rio de Janeiro, da periferia de São Paulo, da periferia da Bahia. Aliás, não tem nenhuma diferença não, até são pares, tem os mesmos problemas, tem o mesmo jeito de ser e, o que é mais gostoso, a mesma ginga, o mesmo remelexo que tem os brasileiros, que têm as meninas que eu vi ontem aqui.

Então, quero dizer para vocês da minha alegria. Eu acho que ainda temos muito por fazer, viu, Celso? Temos muito. Mas eu acho que também, de vez em quando, a gente precisa agradecer o que já foi feito, porque não é fácil vencer os obstáculos. E a gente pensa que é com a África a dificuldade. Perguntem para qualquer diplomata: a ponte entre a Guiana Francesa e o Brasil, que já faz uns três governos... De Gaulle já falava dessa ponte, e Chirac já foi lá com o Fernando Henrique Cardoso, eu já fui lá com o Sarkozy, e as coisas são assim mesmo: tem dia que vai advogado brasileiro para a França, outro dia vem advogado francês para o Brasil, porque é essa coisa mesmo, é difícil. Acho que já gastamos mais de passagem do que o valor da ponte. De qualquer forma, os franceses também já gastaram mais, eles gastam em euro, então devem gastar mais do que nós.

De qualquer forma, hoje nós estamos vivendo aqui a consagração. Não é consagração total, porque ela será quando a gente vier inaugurar. Mas é a consagração de que o Brasil, definitivamente, vai construir a fábrica de retrovirais, vai construir a Fiocruz, que é mais importante do que a fábrica, porque a fábrica vai produzir o remédio, mas a Fiocruz vai produzir inteligência, vai produzir conhecimento aqui nesta terra extraordinária.

Eu só posso dizer ao ministro da Saúde de Moçambique, o nosso



companheiro doutor Paulo Ivo Garrido, ao Temporão, ao nosso companheiro Paulo Buss e ao meu ministro Celso Amorim: por favor, no que depender de mim, não deixem para se queixar amanhã do que podem se queixar hoje. Às vezes, o Temporão fala: “Não consegui audiência, demorou uma semana”. Essas coisas têm que ser “pão, pão, queijo, queijo”, um bom ditado brasileiro, que eu acho que é até africano: “pão, pão, queijo, queijo”.

Então, vamos inaugurar isso aqui. Vamos fazer disso uma profissão de fé. Onde tiver obstáculo, Temporão, vamos desobstruir, destravar, para que a gente possa, em 2010, vir aqui inaugurar definitivamente esse laboratório, a Fiocruz e a fábrica de remédios.

No mais, que Deus abençoe o povo de Moçambique, e que Deus abençoe os nossos ministros da Saúde, que tanto trabalharam para que a gente pudesse viver o dia de hoje. Um beijo e um abraço.

(\$211B)